

# **Manifesto por uma Educação Participativa, Interativa e Global, Para a construção de um mundo mais pacífico e sustentável**

## **1.- Necessidade de mudar de paradigmas educativos**

A permanência da guerra, de muitas e diversas formas de guerra, direta, indireta, declarada ou não declarada, com o seu enorme cortejo de mortos, feridos, refugiados e traumatizados, para satisfazer interesses económicos, políticos, religiosas, geoestratégicos ou outros e a facilidade com que a justificam, quase sempre com falsos argumentos, os interessados em dela tirarem egoísticos benefícios, as alterações climáticas e a crescente e cada vez mais perigosa insustentabilidade do planeta, vítima de uma excessiva e irresponsável exploração dos seus recursos, para alimentar uma sociedade de consumo insustentável, baseada no ter e não no ser, no egoísmo e não no bem comum, mostram bem a imprescindibilidade de mudar o rumo que a humanidade tem seguido.

O melhor e mais poderoso meio para fazer as mudanças necessárias e urgentes é o **desenvolvimento de uma educação para a participação cívica, para o desenvolvimento humano integral e para a sustentabilidade**. Mas isso requiere o desenvolvimento de Novos Paradigmas da Educação.

## **2. - Desafio e oportunidade de mudança educativa**

Os resultados escolares aquém do pretendido e os comportamentos indesejados que se verificam nas salas de aula, nas escolas e na vida cívica, deixam muitos atores educativos preocupados e com vontade de fazer as mudanças necessárias.

A natureza transversal e integrada dos problemas mais desafiantes e das soluções que eles exigem, apontam para a necessidade de valorizar novas competências para a vida pessoal, social e profissional.

O contexto ministerial, sensível a estas questões que atravessam a sociedade e a educação, abre perspectivas para a concretização de iniciativas inovadoras e de projetos piloto que, de forma consistente e segura, permitam desenvolver e testar novos paradigmas da educação.

Destes desafios surge a pertinência de apresentar propostas de mudanças graduais/progressivas, mas estruturantes, no âmbito escolar, que possam apontar soluções futuras de renovação das escolas e da educação.

Nasce, assim, a **importância operativa dos passos e das medidas concretas criadoras de percursos reflexivos e estruturados de mudança sustentável. Impulsiona-nos a vontade de contribuir para essa mudança.**

### **3.- Flexibilizar os currículos e desenvolver novos modelos e processos de avaliação**

A intenção, já diversas vezes manifestada publicamente pelo Ministério da Educação, de reduzir em 25% os tempos ocupados com a lecionação dos currículos obrigatórios, de modo a que alunos e professores possam dedicar esses 25% a tempos destinados ao desenvolvimento de capacidades, competências, e atitudes, desde a observação e análise crítica, a criatividade, a atenção aos outros, a ética nas atitudes e nos comportamentos, às aprendizagens interdisciplinares e transdisciplinares e por projetos, confirmada pelo anúncio feito em 11 de fevereiro, pelo Secretário de Estado da Educação João Costa, de que

*"muito brevemente estaremos a apresentar a estratégia da educação para a cidadania. Muito brevemente teremos a proposta de decreto-lei sobre educação inclusiva. E temos em curso todo o trabalho sobre gestão flexível que estimamos apresentar ou colocar a discussão muito em breve"*,

que desde já saudamos, abre novas perspetivas à educação básica e secundária em Portugal. Esperamos que este projeto e esta estratégia sejam rapidamente viabilizados e concretizados pela decisão e pelo empenho do governo e também, e muito, pelo trabalho e empenhamento de escolas, professores, alunos, pais e sociedade em geral.

Desejamos que essa flexibilização abra caminho à realização de projetos multidisciplinares envolvendo alunos e professores de diferentes disciplinas, cursos, escolas e níveis de ensino.

**A flexibilização dos currículos é, quanto a nós, o primeiro e mais importante passo para libertar as escolas dos constrangimentos que as impedem de melhorar significativamente a educação que promovem e concretizam.**

Um segundo aspeto também fundamental é **aprofundar e melhorar a avaliação, elemento fundamental de uma boa pedagogia** e libertar escolas, professores e alunos de práticas que promovem a memorização acrítica e a realização de exames classificativos mas pouco avaliativos e ainda menos educativos, de valor e utilidade muito duvidosos. Muitos exames, ao levarem a uma concentração excessiva nos mesmos, acabam por funcionar como freios para o desenvolvimento das capacidades e competências de que os jovens, o mundo e as pessoas de hoje carecem e, tantas vezes, são mais fator de

segregação e exclusão do que instrumento de verdadeira avaliação, construtivo e certificador. Importa, pois, repensar a avaliação, seus objetivos e possíveis modalidades.

#### **4.- Promover a aprendizagem com os pares, a permeabilidade ou a eliminação de barreiras desnecessárias entre níveis de educação/ensino, entre escolas, disciplinas e diferentes realidades sociais**

Os modelos educativos da era industrial, que ainda prevalecem na maior parte dos casos, mesmo quando incluem já componentes de modernidade expressas, por exemplo, no recurso instrumental às TIC, não têm em conta nem são suficientemente apropriados para enfrentar realidades complexas que se transformam cada vez mais depressa e que, quando analisadas e tratadas apenas em perspetivas especializadas, fechadas, fora do seu contexto global e sem uma perspetiva holística, integradora, geram efeitos colaterais absolutamente indesejáveis.

**A ainda prevalência da educação em 'caixas', que dificultam a visão global da realidade e não preparam para a construção de alternativas que tenham em conta a complexidade dos problemas e que promovam o bem-comum, sejam exequíveis e sustentáveis, precisa de ser urgentemente revista, alterada e reestruturada.**

A viabilização de projetos liderados por estudantes e orientados por professores, envolvendo professores e alunos de diferentes níveis de ensino (do básico ao superior), de diferentes cursos e disciplinas, como já se fez na FEUP e na Universidade do Porto na 1ª década do século XXI e ainda se continua a fazer nalguns casos, será uma forma excelente de promover a descoberta e aprendizagem com os pares, para desenvolver o conhecimento interdisciplinar, a iniciativa a responsabilidade e a autonomia. A realização não só de pequenos projetos simples e de curta duração mas também de projetos que durem um ou muitos mais anos, sobre problemas mais complexos e difíceis, desde que bem orientada, poderá ser um fator muito importante de desenvolvimento pessoal e social. Estes projetos, ao promoverem o diálogo interdisciplinar e de estudantes e professores de anos, ciclos e gerações diferentes, abrirão novos horizontes e contribuirão para uma permanente renovação das escolas e da educação.

#### **5.- Desenvolver a capacidade de análise crítica da realidade e tornar mais difícil fazer ou contribuir para conflitos armados, para a insustentabilidade e para a degradação dos valores éticos**

Para isso é fundamental que a aprendizagem da História, a leitura da comunicação social, bem como da literatura científica e não científica, sejam

feitas de uma forma crítica, recorrendo a fontes diversificadas e de credibilidade testada pelo seu permanente questionamento. Também neste domínio a realização de projetos interdisciplinares, envolvendo alunos e professores dos mais diversos níveis, desde crianças do 1º ciclo a estudantes e professores de programas doutorais, será muito importante.

Alguns poderão perguntar porquê envolver crianças na procura de soluções para os enormes e graves problemas da humanidade, como as guerras e a sustentabilidade do planeta. **De facto só educaremos verdadeiros cidadãos ativos se desde cedo lhes dermos oportunidade de participar na construção das diferentes realidades, dando-lhes voz, promovendo assim o exercício da liberdade e da (co)responsabilidade para a construção de um mundo melhor.** Além disso, é fácil perceber que um conjunto de crianças de diferentes países, etnias e religiões que, utilizando as TIC, se relacionem com outras crianças e jovens de outras regiões, culturas e experiências de vida para partilharem as suas vivências, projetos e sonhos poderá muito mais facilmente criar relações de confiança entre povos e países diferentes do que um país poderoso que já abusou muitas vezes dos seus poderes no seu interesse exclusivo ou no interesse de alguns poderosos que o controlam.

De facto, **não é com base no egoísmo mas sim em relações internacionais de confiança que se poderão construir futuros e sociedades mais solidárias, seguras, inclusivas e sustentáveis, como os subscritores deste Manifesto querem ajudar a construir.**

Porto, 15 de fevereiro de 2017

António Barbedo de Magalhães

Rede para o Desenvolvimento de Novos Paradigmas da Educação